



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES – CAMPUS III
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

CAROLAYNE KARLA COUTINHO RODRIGUES OITAVEN

**MEMÓRIA E COTIDIANO NA ESCOLA ESTADUAL PE. HILDON BANDEIRA
(1955-1985)**

**Guarabira - PB
Março/2017**

CAROLAYNE KARLA COUTINHO RODRIGUES OITAVEN

**MEMÓRIA E COTIDIANO NA ESCOLA ESTADUAL PE. HILDON BANDEIRA
(1955-1985)**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de Graduação em História da Universidade Estadual da Paraíba em cumprimento às exigências para a obtenção do título de graduada em Licenciatura plena em História.

Área de concentração: História, Memória e Cotidiano

Orientação: Prof. Me. Rivaldo Amador de Sousa

**Guarabira - PB
Março/2017**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

O39m Oitaven, Carolayne Karla Coutinho Rodrigues
Memória e cotidiano na Escola Estadual Pe. Hildon Bandeira
(1955-1985) [manuscrito] / Carolayne Karla Coutinho Rodrigues
Oitaven. - 2017.
27 p. : il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Agrárias e
Ambientais, 2017.

"Orientação: Rivaldo Amador de Sousa, Departamento de
História".

1. Memória. 2. História Oral. 3. Cotidiano Escolar. 4.
Disciplinarização dos Corpos. I. Título.

21. ed. CDD 900

CAROLAYNE KARLA COUTINHO RODRIGUES OITAVEN

MEMÓRIA E COTIDIANO NA ESCOLA ESTADUAL PE. HILDON BANDEIRA
(1955-1985)

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de Graduação em História da Universidade Estadual da Paraíba em cumprimento às exigências para a obtenção do título de graduada em Licenciatura plena em História.

Área de concentração: História, Memória e Cotidiano

Aprovada em: 11/04/2017.

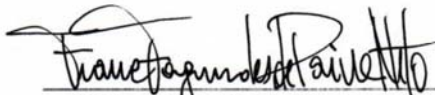
BANCA EXAMINADORA



Prof. Me. Rivaldo Amador de Sousa (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr.ª Simone da Silva Costa
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Francisco Fagundes de Paiva Neto
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

A Deus, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador Prof. Me. Rivaldo Amador de Sousa, por seu empenho e pelas leituras sugeridas ao longo dessa orientação.

À professora Naiara Ferraz Bandeira Alves pela sua ajuda concedida.

Ao meu esposo Felipe Menezes Oitaven, a minha filha Clara Fernanda Coutinho Oitaven, as minhas tias Cleonice Maria de Sousa Coitinho e Marília Katianny Coutinho Correia, as minhas primas Cleane Victória Coitinho de Mendonça e Carla Roberta Coutinho de Assis, pela compreensão por minha ausência nas reuniões familiares.

A minha mãe Marilene Karla Coutinho, minha avó Maria da Penha Coitinho e meu irmão Ewerton Augusto Coutinho Pereira, dando-me força.

Aos professores do Curso de História da UEPB, em especial Juvandi de Sousa Santos, Simone da Silva Costa, Waldeci Ferreira Chagas e Francisco Fagundes de Paiva Neto, que contribuíram ao longo tempo, por meio das disciplinas e debates, para o desenvolvimento da pesquisa.

Ao funcionário da UEPB, Diego Wagner Paulinho Coutinho Pereira, pela presteza e atendimento quando nos foi necessário.

Aos colegas de classe pelos momentos de amizade e apoio.

Toda força vem do desejo da vitória, de vencer, de se superar. Toda
superação vem da determinação, da força e do desejo de viver!
(Leônia Teixeira)

RESUMO

Buscamos, neste artigo, estudar algumas experiências do cotidiano escolar e analisar a memória de alguns atores sociais que vivenciaram experiências na Escola Estadual Padre Hildon Bandeira localizada em Alagoa Grande-PB. Para efetivação dessa pesquisa, entrevistamos quatro pessoas que contribuíram, por meio da história oral e o uso da memória, com relatos do cotidiano escolar entre 1955-1985. Procuramos, além disso, destacar a importância e o uso da história oral nas narrativas históricas, bem como, reflexões sobre a disciplinarização dos corpos na perspectiva do historiador francês Michel Foucault.

Palavras-Chave: Cotidiano Escolar. Disciplinarização dos Corpos. História Oral. Memória.

ABSTRACT

In this article, we seek to study some of the experiences of everyday school life and to analyze the memory of some social actors who experienced experiences at the Padre Hildon Bandeira State School located in Alagoa Grande-PB. To carry out this research, we interviewed four people who contributed, through oral history and the use of memory, to daily school reports from 1955-1985. We also sought to highlight the importance and use of oral history in historical narratives, as well as reflections on the disciplinarization of bodies from the perspective of the French historian Michel Foucault.

Keywords: Everyday School. Disciplinarization of Bodies. Oral History. Memory.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	08
CAPÍTULO I – PERCURSO TEÓRICO METODOLÓGICO	09
1.1 A HISTÓRIA ORAL E SUA IMPORTÂNCIA PARA A ESCRITA DA HISTÓRIA	09
CAPÍTULO II – A ESCOLA E SEU CONTEXTO	13
2.1 DO GINÁSIO SÃO JOSÉ A ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO PADRE HILDON BANDEIRA	13
CAPÍTULO III – A DISCIPLINARIZAÇÃO DOS CORPOS.....	16
3.1 O DIREITO DE LEMBRAR E O DEVER DE NÃO ESQUECER: COTIDIANO ESCOLAR DAS VOZES DE EX-FUNCIONÁRIOS E EX-ALUNOS	16
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	24
REFERÊNCIAS	25

MEMÓRIA E COTIDIANO NA ESCOLA ESTADUAL PE. HILDON BANDEIRA (1955-1985)

Carolayne Karla Coutinho Rodrigues Oitaven¹

1. INTRODUÇÃO

A ideia de elaborar esta pesquisa surgiu de minhas inquietações em relação a Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Padre Hildon Bandeira e ao fato de, com tanta frequência, ouvir pessoas acima de cinquenta anos argumentando os períodos áureos da escola. Decidi, então, me aprofundar no estudo, procurando entender como de fato funcionava a escola na década de 1960, 1970 e 1980.

Esta pesquisa se dedica a uma análise sobre o cotidiano escolar e memória da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Padre Hildon Bandeira, localizada na cidade Alagoa Grande-PB², tendo como propósito entender como funcionava esta escola em um período delimitado pelas experiências dos nossos entrevistados. Além disso, também pretendemos compreender, por meio, basicamente, de fontes orais e do uso da memória, algumas experiências vividas por um determinado grupo de pessoas que vivenciaram, naquela instituição, o cotidiano escolar e seu contexto político cultural no período de 1955-1985.

Para a realização desse trabalho utilizamos, como dito acima, basicamente a história oral, como técnica e método na “produção” de fonte histórica, de maneira que nos permitissem pensar o passado da instituição, em seu cotidiano, na memória de uma gente que vivenciou o cotidiano escolar em uma determinada época e que consentiu, por meio de suas lembranças, a elaboração de uma narrativa histórica possível de ser lembrada, de ser contada, de ser escrita e de, portanto, não ser esquecida.

Assim, nasceu a percepção de que “o conhecimento necessário ordenava uma aproximação mais contundente do que aquela proporcionada por referências bibliográficas. Passei, então, a buscar a oportunidade de sistematizar meus estudos e os resultados deles por

¹ Aluna no Curso de Graduação na Universidade Estadual da Paraíba – Campus III – Guarabira-PB. Email: carolayne_karla@hotmail.com

² Alagoa Grande, apontada como portal do brejo paraibano, é um município brasileiro do estado da Paraíba que conta com cerca de 29 mil habitantes e está localizada a 103 km de distância da capital João Pessoa.

meio de uma pesquisa de conclusão de curso”, e assim tornar mais sólida minha formação e conhecimento. As principais dificuldades encontradas na pesquisa, estava na seleção das “vozes”, visto que é de tamanha importância coletar relatos fidedignos e que sejam representativos da época analisada (ELIAS, 2011, p. 13).

O que levou a escolha desse tema foi a curiosidade de entender e reconhecer os elementos que conferem identidade a Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Padre Hildon Bandeira e analisar as respostas coletadas de ex-professores e ex-alunos, através da história oral, realizadas sob a perspectiva da concepção e atuação do mesmo, levando em consideração o cotidiano escolar.

Buscamos, assim, realizar um estudo da história desta instituição escolar – considerada até os dias atuais, a principal instituição pública da cidade de Alagoa Grande-PB -, reconhecendo não só as contribuições teóricas utilizadas na investigação, bem como os documentos escritos e, principalmente, as fontes orais.

Desta forma, o artigo está estruturado basicamente em três partes. No primeiro abordamos, de maneira sucinta, os percursos teórico e metodológico da pesquisa, expondo as concepções históricas sobre história oral, a relação história e memória e sua importância para escrita da história. No segundo capítulo, expomos, de maneira breve, algumas informações sobre uma história da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Padre Hildon Bandeira, localizada em Alagoa Grande, Paraíba. Por último, no terceiro capítulo, abordamos a “disciplinarização dos corpos”, dentro dessa instituição, utilizando-se de uma “memória lembrança” produzida por nossos colaboradores, termo que utilizaremos, a partir desse momento, para definir as nossas entrevistadas e entrevistados.

CAPÍTULO I: PERCURSO TEÓRICO METODOLÓGICO

1.1 A HISTÓRIA ORAL E SUA IMPORTÂNCIA PARA A ESCRITA DA HISTÓRIA

Para a elaboração da história o pesquisador historiador se utiliza de diversas fontes históricas, compreendendo-as enquanto informação de uma visão do passado construída, fabricada, por um determinado grupo social. Nesse processo de uso dos documentos, as fontes passam, na investigação do historiador, por uma análise crítica, pois, merecem um minucioso

trabalho e interpretação, cabendo ao pesquisador usar a história oral de maneira correta e buscar os fatos relevantes ao seu trabalho.

Portanto, cabe aqui pensar a história oral enquanto técnica e método, e a memória como elementos teórico e metodológico para se pensar o objeto de pesquisa de nosso estudo, dentro de um tempo e espaço.

Inicialmente nos cabe uma indagação importantíssima. Por que escolhemos a História Oral para a nossa pesquisa? Primeiramente, pensamos que outras fontes históricas não respondem, como a história oral, as nossas indagações sobre o cotidiano da escola Pe. Hildon Bandeira. Aquelas não permitem pensar a nossa investigação a partir da abordagem e da perspectiva histórica que propomos realizar.

Outrossim, é que o uso da “história oral” como fonte de pesquisa para a produção historiográfica nos permite pensar a partir da perspectiva de uma “outra história”, a partir de uma memória dos considerados anônimos da história³. Sendo assim, é possível pensar em uma história da escola Pe. Hildon Bandeira a partir de experiências vividas por homens e mulheres nessa instituição.

De acordo com Paul Thompson, a História Oral “é um método interdisciplinar, ele entende por história oral a interpretação de história e das mutáveis sociedades e culturas através da escuta das pessoas e do registro de suas lembranças e experiências”⁴.

Nessa mesma perspectiva, a historiadora Verena Alberti afirma que a história oral é,

... um método de pesquisa (histórica, antropológica, sociológica) que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participam de, ou testemunham acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, como forma de se aproximar do objeto de estudo. Trata-se de estudar acontecimentos históricos, instituições, grupos sociais, categorias profissionais, movimentos, etc (ALBERTI, 1989, p. 52).

Neste sentido, avaliando a História Oral, Thompson assegura que:

A história oral pode dar grande contribuição para o resgate da memória nacional, mostrando-se um método bastante promissor para a realização de pesquisa em diferentes áreas. É preciso preservar a memória física e espacial, como também descobrir e valorizar a memória do homem. A memória de um pode ser a memória de muitos, possibilitando a evidência dos fatos coletivos. (THOMPSON, 1992. p. 17).

³ Pensamos a “história vista de baixo” a partir da perspectiva do historiador inglês Edward Palmer Thompson. A esse respeito ver: SHARP, Jim. A história vista de baixo. In: BURKE, Peter (Org.). **A escrita da História**: novas perspectivas. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora UNESP, 1992. pp. 39-62

⁴ Ver: THOMPSON, Paul. **A voz do passado**: história oral. Trad. de Lólio Lourenço de Oliveira. 2 eds. Rio de Janeiro: Forense, 1992. p. 9

Nessa linha, a história oral, conforme a citação acima, é um método bastante eficaz para o “resgate” da memória, contribuindo para a realização de uma pesquisa histórica, seja no campo social, político e/ou econômico.

Conforme Jean-Pierre Wallot a história oral é utilizada como método de pesquisa fundamentado no apontamento de depoimentos orais prestados por meio de entrevistas (WALLOT *apud* JOUTARD, 2005). Assim sendo, conforme Alberti (1990, p.52), “a fonte oral adiciona uma dimensão viva, acarretando novas concepções à historiografia, haja visto que o historiador, constantemente, carece de documentos variados, não somente os escritos”.

Observamos até aqui que a história oral é frequentemente definida como uma metodologia, uma fonte ou um procedimento técnico. Dessa forma, chegamos a pressuposição que,

A história oral, como todas as metodologias, apenas estabelece e ordena procedimentos de trabalho [...] funcionando como ponte entre teoria e prática. Esse é o terreno da história oral – o que a nosso ver, não permite classificá-la unicamente como prática. Mas, na área teórica, a história oral é capaz apenas de suscitar, jamais de solucionar, questões; formula as perguntas, porém não pode oferecer as respostas. As soluções e explicações devem ser buscadas onde sempre estiveram: na boa e antiga teoria da história. Aí se agrupam conceitos capazes de pensar abstratamente os problemas metodológicos gerados pelo fazer histórico (FERREIRA; AMADO, 1996, p. xvi).

Além disso, a história oral tem grande importância na educação e no ensino da história, visto que, a história oral tem um grande potencial transformador. Como mostra Teixeira e Praxedes (2006, p. 155) “a lembrança torna-se aprendizado quando associada à reinterpretção dos acontecimentos e das experiências vividas, individual e coletivamente. Neste sentido, lembrar é, também, ressignificar as experiências pretéritas e presentes”.

Para se pensar teórico e metodologicamente a história oral é necessário e importante discutirmos também as definições de memória, que, é importante lembrar, difere totalmente do conceito de história oral. De maneira sucinta, podemos afirmar que a memória é concebida de perspectivas diferente. Assim, as concepções de memória divergem do ponto de vista de alguns estudiosos, como, por exemplo, a memória coletiva, discutida por Halbwacs, a memória histórica, apresentada por Le Goff, a memória psicológica, concebida por Bergson⁵.

⁵ Ver: MEIHY, José Carlos Sebe Bom. Definindo História Oral e Memória. In: **Cadernos CERU**, nº 5, Série 2, 1994. pp. 52-60

Para Eclea Bosi, fundamentada em Bergson, a memória é contínua, constituindo-se em uma atividade que demanda sempre um esforço daquele que lembra e/ou que irá lembrar. Compreende-se, portanto, nesses termos, que a memória é considerada um trabalho⁶.

No que diz respeito a problemática da memória, Pollak (1992) defende a ideia de que a memória é desenvolvida por meio de três princípios característicos: acontecimentos, personagens e lugares. O autor acredita que esses princípios podem ser trabalhados de modo individual e coletivo, visto que o processo de construção se dar pelas experiências já vividas pelo agente ou pelo grupo. Desta forma, segundo Pollak (1992, p. 204), “os eventos vividos pela pessoa entrevistada estão em primeiro lugar. Em segundo estão os casos vividos pelo grupo ao qual a pessoa se sente pertencer. Em terceiro lugar, o fato fora do espaço-tempo de um grupo, e que por meio de fatos históricos vividos por ela, o torne pertencente dessa memória herdada”.

Segundo Le Goff (2003, p. 419), “pela memória temos a propriedade de conservar certas informações que, por nos remeter a um conjunto de funções psíquicas, permite-nos atualizar impressões e informações passadas ou que representamos como passadas”. A maneira de relembrar solicita um artifício narrativo, alude-se à “[...] comunicação a outrem de uma informação, na ausência do acontecimento ou do objeto que constitui o seu motivo” (LE GOFF, 2003, p. 421).

Por esse ângulo, pode-se chegar ao consenso que a memória pode ser assimilada como:

um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução em si (POLLAK, 1992, p. 204).

Desta maneira, podemos dizer que o uso da história oral como metodologia e as narrativas orais como fonte de pesquisa, têm contribuído com a pesquisa de diversos autores dedicados a garantir o direito à memória individual e das instituições, como a escola.

No que diz respeito aos integrantes da pesquisa, foram entrevistados 4 (quatro) pessoas, sendo eles: uma ex-professora, dois ex-alunos e uma ex-professora e também aluna daquela instituição.

Desta forma, este artigo foi realizado, por meio da memória educacional destes entrevistados que, a nosso ver, despontaram momentos significativos em associação ao

⁶ Ver: BOSI, Ecléia. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 6 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

objetivo deste trabalho, que é “reconstruir” através da lembrança, o cotidiano escolar e averiguar em qual contexto ela se manifesta conforme a natureza do envolvimento de cada um.

Além da história oral, para interpretação e análise dos dados, apoiamos os procedimentos metodológicos desta pesquisa numa abordagem qualitativa que, conforme Bodgan e Biklen (1994), tem o ambiente escolar como fonte conduzida e o pesquisador como instrumento-chave.

Esse artigo utilizou uma abordagem biográfica como método de pesquisa, com foco em relatos (auto) biográficos e narrativos, que, segundo Abrahão (2004, p.202), “é uma forma de história auto-referente, portanto plena de significado, em que o sujeito se desvela para si e se desvela para os demais”.

Assim sendo, esse estudo é uma forma de entender de forma particularizada o objeto estudado, através da história oral pertencentes ao cotidiano escolar dos pesquisados. Segundo Delgado (2006), houve uma conexão entre as transcrições efetivadas nas entrevistas, juntamente com o referencial teórico, como forma de embasar as ideias dos autores com o objeto de pesquisa.

Deve-se ainda salientar, que no momento das transcrições, nos depoimentos dos entrevistados, foram empregados [...] (colchetes e reticências) com objetivo de se dar evidência nas pausas das falas.

CAPÍTULO II – A ESCOLA E SEU CONTEXTO

2.1 DO GINÁSIO SÃO JOSÉ A ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO PADRE HILDON BANDEIRA

A história acerca da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Padre Hildon Bandeira, retrata que esse nome se deu por uma homenagem ao seu fundador, em 1957. No entanto, essa instituição escolar era denominada oficialmente, desde a sua fundação, de Ginásio São José. Edificada a partir de 1947, no governo de Oswaldo Trigueiro, o qual contribuiu com a compra do terreno por CR\$ 50.000,00 (cinquenta mil cruzeiros), a participação popular, por intermédio do padre Hildon Bandeira de Melo, foi, verdadeiramente, fundamental para sua consecução. Com objetivo de arrecadar recursos financeiros, padre

Hildon Bandeira, foi até à capital – Rio de Janeiro – e conseguiu uma boa quantia que, conjuntamente com a ajuda financeira da população Alagoa Grandense, iniciou-se a construção desse importante colégio, com a quantia de CR\$ 6.0000 (seis mil cruzeiros)⁷ (FREIRE, 2002, p. 186).

O início das construções apresentou como slogan: “Não se pode, mas se quer”⁸, marcado por uma placa com essa referida frase, na frente da construção. A partir disso, aos poucos, a construção foi avançando. Em 1948 o Ministério da Educação doou uma quantia de CR\$ 100.000,00 (cem mil cruzeiros), para os prosseguimentos das obras. Durante o governo de José Américo entre 1951-1953 foi autorizado um crédito de trezentos mil cruzeiros para conclusão do Ginásio São José (FREIRE, 2002, p.186).

Em 1958, o ginásio São José foi inaugurado como escola de ensino particular. De tal modo, na escola funcionaria o 1º grau, apenas para pessoas do sexo masculino e com uma estrutura composta por seis salas de aula. O primeiro diretor foi Padre Hildebrando Rodrigues de Oliveira (FREIRE, 2002, p.184).

Em 1960, o padre e novo diretor José Paulino, construiu mais três salas de aula, nos fundos do prédio, com dinheiro arrecadado das matrículas, das mensalidades, de promoções como vaquejadas, bingos, jogos de futebol e voleibol, além da colaboração do prefeito Telésforo Onofre (FREIRE, 2002, p.187)

A primeira turma concluinte do Ginásio São José (1958-1961) foi composta por, Arlindo de Andrade Silva, **Expedito Iêdo Mesquita Beltrão**⁹, Flávio Almeida de Medeiros, Flávio Pereira Coutinho, Francisco de Assis Alves, João Galvêncio Ribeiro, João Guerra, José Ariosvaldo de Sousa Chaves, José Carlos de Vasconcelos, José Freire Marques de Melo, José Hermano Guerra, João Mesquita de Andrade Filho, José Nóbrega Paiva (orador da turma), Manoel Gonçalves da Silva, Marcelo Gusmão Zenaide e Roberto Luiz de Oliveira (FREIRE, 2002,p.187).

O Ginásio São José funcionou até 1964 (IMAGEM 1), sendo que, de janeiro de 1960 a dezembro de 1964, funcionaram no mesmo prédio, nos turnos vespertino e noturno, o Ginásio Comercial Dom Moisés Coelho, com o 1º grau; e ainda o Colégio Comercial Dom Moisés Coelho, com o 2º grau, oferecendo cursos técnicos, para ambos os sexos (FREIRE, 2002,

⁷ Valor considerado baixo na época, para tamanha pretensão.

⁸ Quando ainda era vivo o padre Hildon Bandeira chegou a explicar que esse slogan foi criado para que se pudesse enfrentar melhor a situação a qual se passava, visto que os recursos financeiros eram escassos, mas com o apoio da população e dos governantes iria conseguir. Dessa forma, o slogan “Não se pode, mas se quer” funcionou como uma espécie de artifício mobilizador do sentimento popular, passando a representar um desejo/aspiração de mudanças e transformações sociais de um povo e conseqüentemente, transformando-se simbolicamente em uma luta social.

⁹ Grifo nosso, em referência a um dos entrevistados desse trabalho.

p.184).

IMAGEM 1: Fachada Ginásio São José em 1964



Fonte: Blog Professor Cobra¹⁰

Em 1965, foi criado o curso científico, passando o educandário a chamar-se Colégio São José, cujo primeiro Diretor foi o padre José Paulino Batista. Em 1969, é criado o Colégio Estadual de Alagoa Grande, passando a atender todos os públicos, tanto masculino, quanto feminino (FREIRE, 2002, p.184-185).

Em 1984, passou a ser chamado de Escola Estadual de 1º e 2º grau Padre Hildon Bandeira, assumindo a sua Diretoria o professor Eudes de Lemos Farias. Essa denominação foi outorgada, através do projeto de lei n.º 50/84. Em 1969, o prédio foi alugado ao Estado da Paraíba (FREIRE, 2002, p. 185)

Em 1997, as aulas foram iniciadas com 1.198 alunos nos três turnos, em 12 salas, e mais de 90% das turmas tendo acima de quarenta alunos, em decorrência da falta de mais espaço. Em 1998 foram matriculados 1.256 alunos; em 1999 foram 1.353 alunos; em 2000 foram 1.372 alunos (FREIRE,2002, p.187). Atualmente em 2017, foram matriculados 1.555 alunos (REVISTA ALAGOA GRANDE, 2017, p.24).

Atualmente a Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Padre Hildon Bandeira (FIGURA 2), está localizada em um prédio da Diocese de Guarabira na Rua Presidente João Pessoa, 1485, Centro, Alagoa Grande – PB. Sendo uma unidade escolar de esfera administrativa estadual, cujo órgão mantenedor é o próprio Governo do Estado. A escola possui biblioteca, laboratório de informática, laboratório de ciências, sala de leitura e quadra

¹⁰ Disponível em: <<http://professorcobrha.blogspot.com.br/p/historias-de-ontem.html>>. Acesso em: 20 de março de 2017.

de esportes.

IMAGEM 2: Fachada atual da Escola E. E. F. e M. Pe Hildon Bandeira



Fonte: Portal AG1 Notícias¹¹

A instituição atende, como na maioria das cidades do interior paraibano, a uma população de baixa renda per capita, mas predomina também classes médias, onde boa parte reside na zona rural do próprio Município, estes inseridos sob a agricultura extensiva para sua própria sobrevivência e recebimento de programas sociais do Governo Federal, complementam ainda filhos de funcionários públicos e/ou estaduais, comerciantes, empresários.

CAPÍTULO III – A DISCIPLINARIZAÇÃO DOS CORPOS

3.1 O DIREITO DE LEMBRAR E O DEVER DE NÃO ESQUECER: COTIDIANO ESCOLAR DAS VOZES DE EX-FUNCIONÁRIOS E EX-ALUNOS

Apresentamos neste capítulo algumas experiências vividas por homens e mulheres entrevistadas para a nossa pesquisa. Trata-se de entrevistas realizadas com ex-alunos e ex-funcionários da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Padre Hildon Bandeira. Com propósito de alcançar o objetivo da pesquisa desta pesquisa, daremos ênfase aos detalhes alcançado no relato de 4 (quatro) entrevistados/as, assim como os pontos de vista mais significativos das declarações que estiveram conforme o objetivo desta pesquisa.

Na interpretação dos relatos coletados, foi levado em consideração que os conjuntos de memória consciente são sinais da experiência vivida. Dessa forma, a história oral,

¹¹ Disponível em: <<http://www.portalag1noticias.com/2016/03/colégio-padre-hildon-bandeira-e.html>>. Acesso em: 20 de março de 2017.

proporciona, por meio da memória humana, a sua aptidão de rememorar o passado enquanto testemunha do vivido.

Como forma de alcançar a significação da experiência vivida pelos entrevistados, o artigo estabeleceu conexões em busca de referências sobre o cotidiano escolar e como a escola foi para os entrevistados. Sendo assim, “é dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado” (FOUCAULT, 2002, p. 118). Nesta linha, conforme citação de Michel Foucault, o corpo é objeto de investimentos que pode ser imposto limitações e proibições. Para que isso ocorra é preciso a disciplinarização humana.

Para Foucault, a disciplina, que nasce nos séculos XVII e XVIII, como “fórmulas gerais de dominação”, torna-se uma técnica do mundo moderno para fazer operar o controle sobre a sociedade. A disciplina “...implica numa coerção ininterrupta, constante, que vela sobre os processos da atividade mais que sobre seu resultado e se exerce de acordo com uma codificação que esquadrinha ao máximo o tempo, o espaço, os movimentos”. Vemos que assim, “... esses métodos ... permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõe uma relação de docilidade-utilidade...” (p. 118).

Podemos afirmar que escola é um lugar onde esse controle de disciplina é exercido. De acordo com esse filósofo francês, desde que se instituiu num determinado espaço a disciplina enquanto técnica do poder para proibir, obrigar e/ou limitar as práticas dos corpos “forma-se então uma política das coerções que são um trabalho sobre o corpo”. Assim, nessa política do corpo que tem o objetivo de proibir, limitar ou obrigar,

O corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadrinha, o desarticula e o recompõe. Uma ‘anatomia política’, que é também igualmente uma ‘mecânica do poder’, está nascendo; ela define como se pode ter domínio sobre o corpo dos outros, não simplesmente para que façam o que se quer, mas para que operem como se quer, com as técnicas, segundo a rapidez e a eficácia que se determina. A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos ‘dóceis’ (FOUCAULT, 2002, p. 119).

Como pensar essa política do corpo na escola a qual é nossos lócus de estudo? Como pensar tais políticas a partir da memória de algumas pessoas, homens e mulheres, que experienciaram o cotidiano escolar inicialmente como educando e, posteriormente, assumindo o papel de docentes?

Durante as entrevistas iremos perceber que as mulheres e os homens que foram entrevistados durante a nossa pesquisa lembram das experiências na Escola Estadual Pe. Hildon Bandeira dentro dos limites de uma disciplina, limites que se encontram entre

obediências e fugas das regras impostas e de códigos sociais estabelecidos. O espaço escolar não era vigiado tão somente pelos profissionais da educação (direção, docentes, inspeção, supervisão), mas também pelos próprios colegas, os quais tornavam-se vigilantes de todas as ações dos discentes dentro e fora da sala de aula.

Ao consentir, por meio da atividade do fazer lembrar, a constituição de uma memória escolar das nossas entrevistadas e entrevistado muitas lembranças vieram a luz de nossa percepção. Nesse contato, desenha-se uma representação do já vivido, ao qual o colaborador pode regressar quando for solicitado ou em circunstâncias externas ou internas ao serem ativadas. De acordo com Benjamin (1985, p. 37), é primordial criar um rompimento, um intervalo no tempo linear da vivência, para que se possa desvendar, identificar o conhecimento ocorrido das experiências, assim sendo, "o acontecimento lembrado é sem limites, porque é uma chave para tudo que veio antes e depois".

A senhorita Solange Barbosa, uma das nossas entrevistadas, define sinteticamente a estrutura da Escola Pe. Hildon Bandeira. Nascida em Alagoa Grande em 1965, ela foi aluna dessa instituição em 1975, e nos relata alguns dos momentos que ali viveu. De acordo com essa nossa entrevistada,

[...] o colégio era bom, muito procurado. Vinham pessoas de fora estudar. Professores bons, [e a] direção ajudava muito. Meu tempo foi muito bom, muito bom! Tinha um jardim muito grande, tinha a bandeira, tinha uma escada, tinha auditório. O cotidiano dos alunos era bom, uns iam estudar ... levar a sério e outros não queriam nada. Tinha disciplina no horário do lanche, ao entrar na escola. O fardamento era uma calça azul e blusa branca. Tinha inspetores para cuidar da escola¹².

Observamos que a colaboradora nos apresenta alguns aspectos do cotidiano da escola, nos permitindo pensar como se dava esse cotidiano. Em seu relato, identifica-se elementos que caracterizam a disciplina e, portanto, o controle do corpo. Na fala acima, não é difícil compreender a caracterização de um modelo de escola de uma determinada época, a década de 1960.

Considerando as diferentes pesquisas realizadas e que dão conta de diversas experiências sobre a disciplina escolar na região paraibana, à época, a leitura da fala acima nos permite pensar grandes aproximações dessas experiências com aquelas obtidas por outras pesquisas. Alguns desses estudos nos ajudam a pensar essas diferentes experiências como a de que às crianças e aos adolescentes, alunos da instituição, eram impostos determinados códigos

¹² Ver: BARBOSA, Solange de Melo. **Entrevista concedida a Carolayne Karla Coutinho Rodrigues Oitaven**. Alagoa Grande, 16 de março de 2017.

que condicionavam os corpos dos alunos e alunas a um modo de se comportar dentro da instituição como, por exemplo, o modo de se vestir¹³.

A ex-professora Dona Adalgisa Dias, fala um pouco mais do cotidiano da Escola Pe. Hildon Bandeira. Nascida em Alagoa Grande em 1934, ela foi professora dessa instituição nos anos de 1955- 1975, e nos descreve alguns dos momentos que ali viveu. Conforme essa nossa entrevistada,

[...] o Padre Hildon Bandeira na época, fazia visitas no sitio Avenca – Alagoa Grande em prol de materiais para a fundação da Escola Estadual padre Hildon. [...] a Escola Estadual era organizada e muito boa, existia muita ordem (disciplina) com relação a horários, fardamentos, estudos. O Colégio era uma Universidade de Alagoa Grande...de tão ótimo que era¹⁴

Ao comparar a escola a uma universidade Dona Adalgisa Dias tenta esclarecer que a Escola Padre Hildon Bandeira, também era um lugar de formação acadêmica e pessoal. Percebe-se ainda, que nesse período os docentes podiam ora agir através de práticas altamente disciplinarizadoras do corpo, ora conforme as atitudes ocorridas durante o cotidiano escolar.

Esse envolvimento relatado da escola com a sociedade, através de visitas e outras metodologias, na percepção de Vygotsky (1991), jamais deveria deixar de ser realizada, uma vez que, não precisaria ocorrer uma separação entre a escola e a comunidade, visto que a aprendizagem está correlacionada em função da comunicação como do desenvolvimento. Adalgisa ainda acrescenta, narrando sobre os prazeres de ser professora naquela época e como era o tratamento com os alunos:

[...] o Diretor da época que ensinava era José Lemos, outra época Doutor Amauri. Era uma maravilha naquela época. Como professora eu colocava ordem nos alunos, mas tinha que conquistar o aluno. [...] na época tinha suspensão nos alunos, mandava para casa se desobedecesse. Trabalhar no Colégio era uma união bem bacana, tão boa. Tinha pessoas que tomava conta dos meninos, do recreio, da merenda, era uma coisa bem organizada¹⁵.

Revelam-se na entrevista, ora em análise, as questões voltadas para o reconhecimento docente e organização escolar. Ressalta-se a questão da obediência dos alunos e a união da equipe escolar. Nessa fala, percebemos que da maneira como o processo de disciplinarização

¹³ Um exemplo de pesquisa que discute a memória e o cotidiano na escola é a de ALBUQUERQUE, Thaisy Lanny de. **Memória e cotidiano escolar: o Colégio estadual de Campina Grande (1968-1978)**. Dissertação (Mestrado em História). Campina Grande, UFCG, 2011.

¹⁴ Ver: DIAS, Adalgisa Cardoso. **Entrevista concedida a Carolayne Karla Coutinho Rodrigues Oitaven**; 18 de março de 2017.

¹⁵ Ver: DIAS, Adalgisa Cardoso. **Entrevista concedida a Carolayne Karla Coutinho Rodrigues Oitaven**; 18 de março de 2017.

acontece, só restava aos sujeitos, na perspectiva foucaultiana, a alternativa de apropriar-se em conformidade com os mecanismos de controle.

O senhor Expedito Beltrão foi mais um dos nossos entrevistados, ex-aluno da Escola Padre Hildon Bandeira, Expedito nasceu em 1947, e estudou no colégio 1958 a 1961, teve oito irmãos e todos estudaram nessa mesma instituição. Nosso entrevistado começa narrando um pouco da história da Escola Padre Hildon Bandeira e os agentes promotores da mesma:

[...] o Ginásio São José foi inaugurado curso Ginásial primeira turma, dirigido na época por padre José Paulino de Guarabira e ex governador Roberto Paulino. Na época estudávamos, era turma de 30 e poucos alunos e professores geralmente eram padres na sociedade, promotores, juízes, médicos. Na época não tinha recursos suficientes para pagar aos professores, mas eles eram de altamente nível [alto nível]. Terminei o curso Ginásial em 1961, uns já morreram e outros ainda estão vivos. Pessoas que se formaram em medicina, advocacia, etc. Uma época áurea em Alagoa Grande¹⁶.

Verificamos nesse recorte a evidente importância da referida escola na época e como a mesma foi importante para diversos personagens. Seu Expedito, narra ainda o cotidiano escolar, reafirmando que o respeito na época estudada era fundamental e que a falta de tecnologia ou de outros contratemplos não impediam que os alunos se dedicassem. Além disso, é bom lembrar que eram os populares, enquanto grupo social menos favorecido, que tinha a oportunidade de uma formação educacional. Trata-se de crianças e adolescente originárias de famílias de classe média.

Todos estudavam muito, tinha muito respeito com os professores. Os professores exigiam muito! Em casa era punido, tinha que obedecer aos professores. Era uma época, em certo ponto, muito boa... tinha seu lado positivo e negativo. Na época, não existia tecnologia, os professores era tudo manual. Turma muito boa, perdi vários amigos, um deles Josa Freire, morte muito trágica, abalou muita gente de Alagoa Grande... uma pessoa trabalhadora. Era um exemplo para uma turma jovem. Cursei 3 anos técnico, era boa, bons alunos, bons professores. Organizada, não faltava professores, iam para assistir aula. Fizemos vestibular em Areia [cidade localizada no Brejo paraibano] (...). Os professores vinham de Areia, capacitados, não tinha um salário fixo pelo estado¹⁷.

Compreendemos que a disciplina e o controle são lembrados no depoimento do Senhor Expedito, caracterizando como ponto acentuado na metodologia empregada pela escola ora em análise. De acordo com Foucault (2002), para que essa disciplina se concretize sobre os corpos, é primordial a efetivação de uma vigilância que abranja todos os sujeitos num

¹⁶ Ver: BELTRÃO, Isso Mesquita. **Entrevista concedida a Carolayne Karla Coutinho Rodrigues Oitaven;** 21 de março de 2017.

¹⁷ Ver: BELTRÃO, Isso Mesquita. **Entrevista concedida a Carolayne Karla Coutinho Rodrigues Oitaven;** 21 de março de 2017.

processo de autoridade firme, que contribua para que os todos continuem sempre atentos em semelhança aos desvios.

A vigilância não se dava apenas e tão somente na escola. Ela se estendida até à família. E essa outra instituição, enquanto extensão da escola, fazia um rígido controle, permitindo, por meio de dispositivos funcionais, a realização do processo de aprendizagem por parte dos educandos, nas atividades extraclasse e nos comportamentos dos corpos desses no ambiente escolar.

Na questão do cotidiano dos alunos, o senhor Expedito Iêdo Mesquita Beltrão faz um apanhado geral da escola:

[...] chegavam de manhã, brincavam, [o] cotidiano era saudável. Relacionamento era bom entre professores, alunos. A hierarquia na escola tinha um diretor, José Paulino Batista, secretaria responsável pela parte financeira. Iolanda Medeiros trabalhou na secretaria. Nós tínhamos uma obediência, respeito, era uma época que havia parte de respeito, não tinha como não ter respeito. Como até hoje ele tem. O fardamento era o mais simples possível, geralmente tinha duas fardas, para substituir. Farda de Gala – 7 de setembro, tinha um sentimento patriótico. Osvaldo Trigueiro que era um exemplo. O período da matrícula não recordo muito, quem fazia era minhas avós. Geralmente antes de entrar na escola cantavam o hino nacional. Era rotina, formavam filas...para depois entrar na sala de aula. Pessoas geralmente voluntárias que trabalhavam, uns ganhavam outros não. Eu ensinei pouco na escola Estadual, mas não foi uma experiência boa. Tinha inspetora...no intervalo ficavam conversando, comendo. O intervalo não era tão longo, tinha disciplina, muito respeito. Padre Jose Lemos, tinha bastante respeito. Foi diretor do Colégio¹⁸.

Para Foucault (2002), as variadas formas de controle social se alteram por meio das grandes transformações sofridas pela sociedade, com o aparecimento da modernidade. Além disso, afirma que um conjunto de mudanças ou alterações nas dimensões econômicas, socioculturais e políticas contribuíram para mudar os interesses e apreensões na forma como essa autoridade era empregada, cooperando para a mudança de uma série de costumes e métodos relacionados ao corpo nas mais distintas instituições, entre elas a escola.

Dona Maria Emília, uma das nossas entrevistadas, nasceu em Alagoa Grande em 29 de novembro de 1955 e ali viveu toda a sua vida. Ex-aluna (1955-1960) e ex-professora (1964-1995) da escola Padre Hildon Bandeira, logo traz consigo uma grande bagagem de momentos e experiências vividas nesse colégio. Diversos pesquisadores assinalam a influência que os

¹⁸ Ver: BELTRÃO, Isso Mesquita. **Entrevista concedida a Carolayne Karla Coutinho Rodrigues Oitaven;** 21 de março de 2017.

professores detêm, conforme o que já viveu, logo os seres pessoais e sociais estão correlacionados.

Dessa forma, percebemos que a nossa história, também pode ser a da escola e da profissão, como no caso de Dona Emília, que após frequentar por algum tempo como discente no Padre Hildon Bandeira, volta na condição de docente alguns anos depois. Sobre a escola, Dona Emília relata que:

Na minha época a escola Padre Hildon Bandeira era bom, razoável. Era mais fácil, as coisas de adquirir. Os alunos eram mais obedientes. Acho que hoje afastada a sete anos da escola, está bem diferente, tudo bem difícil. Funcionava um número de alunos muito grande, mais ou menos 1600. Tinha ano que era 1800 alunos, com 40 a 45 salas, uma base de 54 professores. Funcionava os três turnos.... E o que me chamava a atenção era a união. A equipe era muito unida. Uma equipe muito boa. Muito grata por aquele tempo! Período da pré matrícula era feita no final do ano. Quem soubesse que era aprovado já fazia automaticamente a pré-matrícula e a matrícula no início do ano letivo. No meu tempo não era difícil entrar na escola. Era mais difícil encontrar alunos para estudar à noite...durante o dia era mais gente.¹⁹

Na fala acima observa-se que a entrevistada se refere a um número de salas e de educandos que correspondem a um período posterior ao que delimitamos na nossa pesquisa. Na verdade, ela se refere, possivelmente, às últimas décadas que trabalhou na instituição enquanto professora – 1980-1990. Ao se referir ao momento anterior ela lembra, “os alunos eram mais obedientes”.

Outro aspecto destacado no cotidiano da escola refere-se às práticas docentes e administrativas, que na visão da ex-professora aconteciam tudo em harmonia e quando a disciplina não era suficiente para evitar os desvios, usavam a punição. Conforme Michels (2006), nesse período o professor assumia não só o papel como docente, mas também como gestor, haja visto que, ele deveria conhecer todo o processo educacional.

Ainda, de acordo com Dona Emília,

[...] o cotidiano deles era meio..., eles frequentavam as salas de aulas, mas muito assim poucos. Era muito relapso os alunos. Gostava muito de faltar. Tinha Inspetoria para controlar, conversar com os alunos. Eles só saíam da escola com a permissão, autorização da direção ou do porteiro, ou então com os pais. Mas mesmo assim muitos escapavam. (Risos). Mas graças a Deus o dia deles era assim.... Aula, merenda; [...] O fardamento escolar tinha uma parte doado pelo governo e outra pela escola. É a mesma de muito tempo! E até hoje é a mesma farda.²⁰

¹⁹ Ver: EMÍLIA, Maria. **Entrevista concedida a Carolayne Karla Coutinho Rodrigues Oitaven**; 23 de março de 2017.

²⁰ Ver: EMÍLIA, Maria. **Entrevista concedida a Carolayne Karla Coutinho Rodrigues Oitaven**; 23 de março de 2017.

Ao trazer à memória fragmentos do cotidiano escolar, Dona Emília faz referência a tempos múltiplos, o ontem e o hoje, ao afirmar “É a mesma de muito tempo! E até hoje é a mesma farda”. Além de destacar a rigidez escolar em relação às faltas dos alunos, como forma de manter os educandos na sala de aula. Parece-nos que a rigidez pode ter sido um dos grandes motivos para que os alunos faltassem tanto nesse período. Mesmo diante das condições que o Brasil na década de sessenta apresentava, quando a oferta do ensino e principalmente da merenda escolar eram escassos. Neste período, mesmo em escolas consideradas de elite, faltava merenda, livros e falta de vagas nas escolas, o que foi melhorando na década seguinte.

Mais adiante essa mesma entrevistada lembra:

O diretor, o vice diretor, secretaria, os inspetores, vigilantes. Os inspetores ficavam na área controlando... Todos faziam seu papel digno, se tivesse alguma contrariedade, aborrecimento resolvia ali mesmo. A gente sempre trabalhou em harmonia, concordando! Era meio assim, organizado, era em fila! Quando o sino tocava a turma ia seguindo e se dizia: a turma está indo. Uma história boa que ficou em minha vida! O recreio era de 15 minutos, eu me lembro que era de 15:15 a 15:30. Eu me lembro que esse intervalo tinha que merendar, e se organizar em filas. E nos falávamos com as merendeiras para ser mais rápido merendar, mais de uma turma. Eu falava para os alunos que não ficasse nos corredores por muito tempo. Que o professor já estava na sala de aula... e que eles observassem os professores que ia entrando na sala de aula. Existia mais um respeito...eu não queria que eles tivessem medo e sim um respeito!²¹

Ao observar o relato de Dona Emília, percebemos que além da disciplina, também havia uma forte pressão exercida por toda a escola para controlar o corpo discente em suas atividades. Ao relatar “eu não queria que eles tivessem medo”, percebe-se que a disciplina acabava sendo confundida com o medo. De acordo com Foucault (2006) a disciplina pode ser subtendida como um tipo de poder, um modo de desempenha-lo, no qual, a instituição de ensino, se serve para designar um fim: o controle de corpos e mentes dos alunos, para a modelagem de indivíduos dóceis, passíveis de serem educados. Ou seja, o corpo é resignado por vínculos de poder e de saber, e isso pode ser confundido com o medo, se praticado de forma autoritária.

Assim, mesmo com o passar dos tempos, a disciplina que já era exercida, acaba sendo repassada no decorrer dos anos, como sinônimo de sucesso, ao qual se manifestava no

²¹ Ver: EMÍLIA, Maria. **Entrevista concedida a Carolayne Karla Coutinho Rodrigues Oitaven**; 23 de março de 2017.

cotidiano da Escola Padre Hildon Bandeira como relatado por Dona Emília, na sua época escolar:

Eu fui aluna também ...inicie o 5º ano [série] que agora é o 6º ano e fui até o ensino médio. No tempo, no final de Jose Lemos [diretor], teve Nilo que era Diretor de Campina Grande, ele era bem mais rígido. A gente andava olhando de um lado para o outro com medo de fazer alguma coisa que não agradasse ao diretor. Aprendi muita coisa lá, se fosse muito fácil não teria sido do jeito que é. E aquelas coisas rígidas foi muito bom para a gente! Ai como eu queria aquele tempo de novo. Era uma coisa assim meio Militar. Com medo de errar!²²

Essa distribuição espacial ocorrida nos indivíduos e no controle das atividades e do corpo, compactuada no tempo é explicada por Delgado (2006, p. 9). Segundo ela, “a memória é uma construção sobre o passado, atualizada e renovada no tempo presente”, ou seja, assim involuntariamente relacionamos as diferentes épocas entre si, para inserir o tempo atual.

Podemos inferir após as entrevistas ora apresentadas que, ao analisar as experiências vivenciadas no cotidiano escolar, permitiu-se realizar uma certa ideia de construção de sua subjetividade, através da procura da localização, na memória, das assimilações particulares dos procedimentos característicos presentes na educação e cultura.

Ainda por intermédio dos depoimentos constatamos que, empregada como recurso metodológico, a história oral, “resgata”, por meio das transcrições, lembranças individuais e coletivas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A finalidade dessa pesquisa foi o de “reconstruir” e analisar uma memória de alguns atores sociais que vivenciaram experiências na Escola Estadual Padre Hildon Bandeira entre 1955-1985, “recordações” caracterizadas pelos primeiros "outros" presentes na vida do indivíduo no período escolar, que conservam entre si estreitas relações de reciprocidade ou de ambivalência nesse processo de inclusão do indivíduo na sociedade.

As pesquisas realizadas proporcionaram um exercício de descoberta e, a partir das memórias das entrevistadas e entrevistados, foram criadas novas possibilidades de

²² Ver: EMÍLIA, Maria. **Entrevista concedida a Carolayne Karla Coutinho Rodrigues Oitaven**; 23 de março de 2017.

comparações da escola “lembrada” e a escola atual e concreta, sendo possível configurar uma certa organização do cotidiano escolar, por meio de comportamentos, de anseios e de percepções que se encontravam num espaço real, ao mesmo tempo material e impessoal.

Outra questão que perpassou esta pesquisa foi registrar as memórias de ex-alunos e ex-funcionários e perceber, por meio da história oral, como os diversos atores cotidianamente vivenciaram numa distinta configuração histórica e social as relações de disciplina, poder, valores e deveres. Revelam, dessa forma, subsídios que podem colaborar para uma melhor compreensão de um passado educacional em Alagoa Grande, Paraíba, além da oportunidade do uso de comparações do passado com o presente escolar, e assim, checarmos o que mudou e o que permaneceu no interior dessa e de outras instituições escolares.

Portanto, podemos afirmar que este estudo da memória e do cotidiano escolar, representou, desta maneira, uma contribuição para um estudo desse cotidiano (1955 a 1985), além de uma noção em torno das implicações que a escola, como lugar de memória, inspira para a construção das identidades.

Desta forma, com as análises realizadas neste artigo, ficou perceptível que a utilização do espaço na escola desempenha papel essencial no processo de controle e regulação dos corpos. Entretanto, as entrevistas revelaram que ainda que os processos de disciplinar fossem rígidos, as vozes buscam localizar na memória um meio-termo entre a eficácia do sistema em conjunto com os momentos bons, em contraposição a rigidez e controle sobre seus corpos no espaço.

REFERÊNCIAS

FONTES:

Fontes Escritas:

FREIRE, José Avelar. **Alagoa Grande**: sua história de 1625 a 2000. 2ªed. v.1. João Pessoa: União, 2002.

REVISTA ALAGOA GRANDE, Terra de Jackson do Pandeiro. **Escolas públicas e privadas fazem a educação no Município**. Alagoa Grande: A União, 2017.

Fontes Orais:

BARBOSA, Solange de Melo. **Entrevista concedida a Carolayne Karla Coutinho Rodrigues Oitaven**; 16 de março de 2017.

BELTRÃO, Isso Mesquita. **Entrevista concedida a Carolayne Karla Coutinho Rodrigues Oitaven;** 21 de março de 2017.

DIAS, Adalgisa Cardoso. **Entrevista concedida a Carolayne Karla Coutinho Rodrigues Oitaven;** 18 de março de 2017.

EMÍLIA, Maria. **Entrevista concedida a Carolayne Karla Coutinho Rodrigues Oitaven;** 23 de março de 2017.

Internet:

ARAÚJO, Júlio. **Colégio Padre Hildon Bandeira é arrombado durante a madrugada em Alagoa Grande.** Disponível em: <<http://www.portalag1noticias.com/2016/03/colégio-padre-hildon-bandeira-e.html>>. Acesso em: 20 de março de 2017.

COBRHA, Antônio Barbosa Filho. **Histórias de ontem.** Disponível em: <<http://professorcobrha.blogspot.com.br/p/historias-de-ontem.html>>. Acesso em: 20 de março de 2017.

BIBLIOGRAFIA:

ABRAHÃO, M. H. M. B. **Pesquisa (auto) biográfica – tempo, memória e narrativa.** In: ABRAHÃO, M.H.M.B. (Org.). *A aventura biográfica: teoria e empiria.* Porto Alegre: EIPUCRS, 2004. pp. 202.

ALBERTI, Verena. **História Oral: a Experiência do CPDOC.** Rio de Janeiro: FGV/CPDOC, 1990.

ALBUQUERQUE, Thaisy Lanny de. **Memória e cotidiano escolar: o Colégio estadual de Campina Grande (1968-1978).** Dissertação (Mestrado em História). Campina Grande, UFCG, 2011.

BENJAMIN, Walter. **A imagem de Proust.** In: Benjamin, Walter. *Obras escolhidas, vol. 1,* Brasiliense: São Paulo, 1985.

BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos.** 4. ed. Porto: Porto Editora, 1994.

BOSI, Ecléia. **Memória e sociedade: lembranças de velhos.** 6 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **História oral: memória, tempo, identidades.** Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

ELIAS, Abdalla Antonios Kayed. *The process of implantation the degree course in distance physics by open University of Brazil in the University Federal of Goiás at the polo of support presencial in Goianésia - GO on vision of its managers.* 2011. 115 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Exatas e da Terra) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2011.

FERREIRA, M. M.; AMADO, J. (Orgs.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**: nascimento da prisão. 25 eds. Tradução de Raquel Ramalhe. Petrópolis: Editora Vozes, 2002

JOUTARD, P. **História oral**: balanço da metodologia e da produção nos últimos 25 anos. In: AMADO, J.; FERREIRA, M. de M. (Coord.). **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução de Bernardo Leitão et al. 5 ed. Campinas: Unicamp, 2003.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. Definindo História Oral e Memória. In: **Cadernos CERU**, nº 5, Série 2, 1994.

MICHELS, M. H. Gestão, formação docente e inclusão: eixos da reforma educacional brasileira que atribuem contornos à organização escolar. **Revista Brasileira de Educação**, v. 11 n. 33 set/dez 2006. p. 406.

POLLAK, Michael. **Memória e Identidade Social**. In: Estudos Ilistóricos, Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, v. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

SHARP, Jim. A história vista de baixo. In: BURKE, Peter (Org.). **A escrita da História**: novas perspectivas. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora UNESP, 1992. pp. 39-62

TEIXEIRA, Inês Assunção de Castro; PRAXEDES, Vanda Lúcia. NEVES. **História oral e educação**: tecendo vínculos e possibilidades pedagógicas. In: DELGADO, Lucília Neves; VISCARDI, Cláudia (Orgs.). **História Oral: teoria, educação e sociedade**. Juíz de Fora: Editora da UFJF, 2006.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**: história oral. Trad. de Lólio Lourenço de Oliveira. 2 eds. Rio de Janeiro: Forense, 1992.

VYGOTSKY, Lev S. **Aprendizagem e desenvolvimento intelectual na idade escolar**. In LURIA, A.R.; LEONTIEV, A. **Psicologia e Pedagogia - bases psicológicas da aprendizagem e do desenvolvimento**. Trad. Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Editora Moraes, 1991.